

# ORAÇÃO FUNEBRE

QUE

NAS EXEQUIAS CELEBRADAS NA SÉ CATHEDRAL DE COIMBRA  
EM 30 DE JANEIRO DE 1867

POR ALMA

DO SENHOR DOM MIGUEL DE BRAGANÇA

RECITOU

○ DR. F. A. RODRIGUES DE AZEVEDO

LENTE DE PRIMA DA FACULDADE DE THEOLOGIA  
NA UNIVERSIDADE, E CONEGO MESTRE-ESCHOLA  
NA SÉ DE COIMBRA

LISBOA

TYPOGRAPHIA LEGITIMISTA

153—*Rua do Bemfornoso*—53

1867



ORAÇÃO FUNERAR

NAS EXPOSITAS CELEBRADAS NA SE CATHEDRAL DE COIMBRA  
EM 30 DE JANEIRO DE 1807

POR ALMA

DO SENHOR DON MIGUEL DE BRAGA

N. B.—Esta Oração foi dada pelo author para ser impressa, com a condição de  
que o producto d'ella fosse enviado á Augusta Familia do Principe finado.

O DR. F. J. RODRIGUES DE ALMEIDA

LEITUR DE PRIMA DA FACULDADE DE THEOLOGIA  
NA UNIVERSIDADE E CONREGO MESTRE ESCOLA  
DE SE COIMBRA

LITURGIA

THEOLOGIA ECCLIASTICA

103—Rua do Bazar—Lisboa

1807



*Natus in regno inopia consumatur.*  
*Nascido na grandeza do throno fi-*  
*na-se na miseria do exilio..*

*Eccles. cap. IV v. 14*

Não é a ostentação da vaidade, nem a adulação da riqueza e do poder, que hoje nos attrahe aqui a este obsequio funebre.

E' a voz augusta da Religião, que nos manda orar junto do tumulo de um filho da Igreja Catholica. E' o sancto amor da patria, que nos convida a honrar a memoria de um filho dos nossos reis, digno do nosso respeito pelas suas acções, mais digno da nossa immitação pelas suas virtudes. E' a expressão inoffensiva da saudade, desafogando n'esta pompa funebre os sentimentos de dedicação pelo Principe proscripto, que o furacão das tempestades politicas arrojou para longe da patria, e que, ao cabo de trinta e dois annos,



nem logrou a ventura de ter os seus ossos collocados junto dos tumulos dos seus reaes antepassados.

Eguae preces, honras semelhantes, prestadas—ha mais de dois mezes—em todos os logares, desde a capital do reino até á villa e aldêa mais ignorada, são um testemunho insuspeito, um pregão eloquente da grandeza do Principe e das virtudes do Proscripto.

A este suffragio universal—mais verdadeiro, por isso que é espontaneo, nem exigido officialmente, nem dado entre o tinir das armas ou o tumultuar das paixões—a este suffragio universal nem faltou a linguagem cortez, benevola e delicada de toda a imprensa periodica nacional e estrangeira.

E' que os homens illustrados podem impugnar systemas, combater ideias, contradictar principios; mas respeitam o homem, acatam as convicções, admiram e louvam tudo o que é verdadeiramente grande e generoso na ordem sócial, tudo o que é virtuoso e sancto na esphera da Religião.

E d'aqui veio que, quando a morte arrebatou no vigor da vida a Senhora D. Maria II, appareceu o *Funeral e a Pomba*: preces e lagrimas, vertidas por todos, sem distincção de partido, honraram a memoria da mulher forte, da Rainha animosa, da mãe de familias exemplarissima. E, quando a Providencia nos roubou o joven esperançoso, que era a gloria da nação e a inveja dos estrangeiros, quem houve ahi, que não attestasse com lagrimas sinceras a sua dôr, e saudade?

Eu, que em uma solemnidade, como esta, fiz a oração funebre do joven Rei, ao terminal-a as lagrimas me offuscavam a vista, e a dôr me embaraçava a voz.

Um dever igual me conduz hoje a este logar.

Mal convalescido de uma doença, que me obrigou a jazer no leito estes ultimos vinte dias, não devia eu apresentar-me em solemnidade tão grave, perante o auditorio mais



illustrado de todo o reino, e para falar de materia difficil e espinhosa, que devia ser pensada com vagar, corrigida com cuidado e polida com esmero.

Eu, que nem pude por falta de saude, nem saberia fazer uma oração com essas louçanias, animei-me todavia a subir a este logar, porque conheço o auditorio, que me escuta, e que tantas vezes me tem honrado com a sua benevolencia e attenção. Por isso que é illustrado, saberá elle desculpar a pobreza da invenção, o desalinho da linguagem, a desanimação do colorido.

Mas... visto que subi, é preciso fallar d'aquelle, a cuja memoria é consagrado este obsequio funebre.

Nascido no palacio de Queluz entre as grandezas dos Reis, o Senhor D. Miguel de Bragança finou-se longe da patria na penuria do exilio: *natus in regno inopia consumatur.*

Estas palavras do Ecclesiastes, quando nos pinta as vicissitudes das grandezas humanas, me pareceram resumir em pequeno quadro a vida inteira do Principe.

Filho e neto de Reis não desdisse das acções e sentimentos, que devem ornar um Principe: *natus in regno*. Precipitado na miseria, deu exemplo de todas as virtudes, que podem exaltar um christão: *inopia consumatur*. Se as acções do Principe exigem o nosso respeito, as virtudes do Proscripto altamente reclamam a nossa immitação.

Acções do Principe, virtudes do Proscripto eis, em summa, o seu elogio, e a materia da minha oração.

O tempo, o logar, as circumstancias me impõem a mais discreta e escrupulosa reserva. No templo de Deos, diante da solemne magestade de um tumulo, não deve o orador rebaixar-se á liguagem mesquinha das paixões e dos partidos. Christãos só julgam digno de louvor aquillo, que honra a Religião: Portuguezes só admiram aquillo que enobrece a pa-



tria. A patria e a Religião serão o meu norte no discurso, que principio.

O fim do seculo passado viu o principio de uma lucta gigante, que ainda não acabou: assistiu á abertura de um drama sanguinolento e sanguinario, cujo ultimo acto ainda está para se representar.

Era a realisação practica dos erros absurdos da falsa philosophia do seculo: era a consequencia necessaria do orgulho, da irrelição, da libertinagem dos grandes e dos poderosos: era—sobre tudo—o espirito de insubordinação e de desordem revoltando-se contra a authoridade espiritual da Igreja Catholica, e contra o poder temporal dos Governos.

Mais funesta do que a revolução de Inglaterra no tempo de Carlos I, a revolução franceza aballou todos os thronos da Europa; e os principios e maximas, que ella proclamou, tem causado graves desordens na sociedade, tem suscitado serios cuidados a todos os Governos.

A propria França, cançada de luctas, de proscipções, de sangue, se lançou quasi moribunda nos braços do Primeiro Consul, pedindo-lhe paz e segurança

Este filho, o maior da revolução, admiravel pelo seu horror á desordem e incomparavel pelo seu tino governativo, salvou a patria de S. Luiz.

Mas ebrio de gloria, dominado por uma ambição sem medida e sem termo, este homem, que não aceitava nem de Deos, nem do homem limite algum ao seu poder, quiz dominar em todos os reinos da Europa, dispor dos seus thronos, distribuir as suas corôas. Ambição insensata! que o arremessou aos rochedos de Sancta Helena, longe da patria,



que elle salvára, privado do imperio, que elle erigira, esquecido dos amigos, que elle engrandecera... Ambição —insensata sim—mas funestissima para o nosso Portugal.

Em novembro de 1807 um exercito francez invade inopinadamente o reino: e o Senhor D. João VI para salvar a corôa e a liberdade, ameaçadas por Junot, é obrigado a embarcar apressadamente para o Brazil, e leva consigo toda a Familia Real. N'aquelle tempo contava cinco annos de idade o Senhor D. Miguel de Bragança.

Não comprehendia a innocencia infantil o amargor das proprias lagrimas, e das dos augustos Paes, ao despedirem-se do seu povo. Mais tarde uma triste experiencia lh'o fez comprehender de sobejo! Cedo começaram para este Principe o pranto e as desconsolações do exilio! E este foi apenas um presagio de outros, mais dolorosos pela idade e pelas circumstancias.

Longe da terra, que o viu nascer; passando os dias da juventude nas alegrias e folguedos proprios d'aquella idade; cercado dos mimos, dos extremos, das condescendencias, que soem ter os filhos dos Reis, o Senhor D. Miguel de Bragança nem esqueceu a patria, nem faltou ao respeito ao Rei, que era tambem seu Pae. Da obediencia ao Rei, e do amor á patria deu antes as mais decididas provas, quando a occasião se offereceu.

A demora e as difficuldades de communicação com o Rio de Janeiro, o mau cumprimento das ordens regias em Lisboa, a desintelligencia entre a Regencia e os Ministros, o receio da perda do Brazil, a preponderancia demasiada do Gabinete inglez sobre os nossos negocios, a sugeição do nosso exercito a officiaes estrangeiros—tudo—tudo fazia desejar uma grande reformação nas cousas publicas, começando pela volta de El-Rei para o reino. Eis os principaes motivos, por que foi bem recebida a revolução de 1820—que o nos-



so Duque de Palmella caracterizava, n'esse tempo, com um epitheto bem affrontoso!

O Senhor D. João VI voltou effectivamente para o reino com toda a Real Familia, deixando apenas no Brazil o Principe, que—ao depois—foi o Senhor D. Pedro IV.

O Soberano Congresso reuniu as maiores illustrações do paiz. Os Diarios de Cortes d'esse tempo são, ainda hoje, um titulo de orgulho, um monumento de gloria nacional em muitas das suas discussões. Todavia a constituição de 1822 e o theor que levava o governo do Estado não satisfiz a expectação publica.

A nação ouvia com desconfiança e receio maximas e principios novos, que eram reproducção dos da revolução fanceza de recordação execranda para Portugal. Julgava offendidos os seus sentimentos mais profundos, as suas crenças mais caras no pouco respeito prestado á Religião, ás suas cousas e ministros. Sentia-se humilhada com o abatimento, a que fôra reduzido o poder real, com a prisão da Rainha, com a expatriação do Patriarcha de Lisboa, e de muitos fidalgos e magistrados. Indignava-se—emfim—com a independencia do Brazil, joia a mais valiosa da corôa portugueza.

Ou bem, ou mal tudo isto era imputado ás Côrtes e ao Governo. O descontentamento era geral; e rebentou em revolução, declarada no Minho, repetida em Tras-os-Montes, continuada no Alemtejo, e levada até á capital.

Foi n'esta conjunctura solemne e difficil, que o Senhor D. Miguel de Bragança se mostrou verdadeiramente um Principe portuguez. Principe alevantando do abatimento a dignidade real; portuguez apoiando, unindo-se de alma e coração aos votos e desejos da nação inteira.

Eu bem sei, que este primeiro passo politico do Senhor D. Miguel de Bragança tem sido pintado com as mais negras cores. Foi arguido de crime o que era antes heroismo



de lealdade e amor para com a patria, de fidelidade e dedicação para com o Rei. Porém mais alto do que as narrativas, adrede escriptas para calumniar o seu character, mais alto fallam os factos.

A voz do Principe foi repetida instantaneamente, e como por encanto, desde o Minho até o Guadiana. *As tropas de todas as guarnições* (dizia o Duque de Palmella em circular de 9 de junho de 1823), *as tropas de todas as guarnições, a nobreza inteira do reino, os povos das cidades e aldeas correram em chusma a reunir-se debaixo do estandarte, que elle levantára.*

*Cousa admiravel* (observa o Author da *Revista Contemporanea*) *cousa admiravel! nem uma só voz se ergueu no reino para deffender a memoria da constituição de 1822!*

El-Rei, em testemunho de gratidão e reconhecimento, nomeou seu Filho generalissimo do exercito portuguez. E as Côrtes estrangeiras mandaram-lhe, pelos seus representantes em Lisboa, os parabens e as mais honrosas condecorações.

Segundo as diversas paixões e partidos, diversamente tem sido avaliado o apparatus e manifestação armada de 30 de abril de 1824. Não será difficil conjecturar a verdadeira causa d'aquella manifestação, nem comprehender o motivo das apreciações diversas.

Apesar das mais submissas expressões do Senhor D. Miguel a seu augusto Pae; apesar das suas anteriores provas de lealdade e dedicação; apesar da approvação do facto por El-Rei, a diplomacia conseguiu levar o timido monarcha para bordo de uma náu ingleza: e ahi assignou o decreto da expatriação do filho, colorado com o pretexto de uma viagem a paiz estrangeiro.

Lá vae segundo vez barra fora! mas com o espirito atribulado pela injustiça, com o coração ulcerado pela ingrati-dão! Leva erguida a fronte nobre e altiva, porque o seu coração é puro, porque confia em Deos, porque espera, que o



tempo hade demonstrar a todos a sua innocencia. Mas vac triste, magoado e saudoso da patria.

Em Vienna d'Austria attrahe as sympathias de todos pelas suas maneiras e procedimento; e o Imperador, que o tracta como filho, lhe confere as maiores honras e distincções do imperio.

Uma nova ordem de coisas o chama ao reino em 1828.

Somos chegados a uma epocha, em que qualquer expressão menos pensada; ainda que inoffensiva, póde ferir susceptibilidades, acordar odios, fazer sangrar feridas, talvez ainda não cicatrizadas. Mas não receeis, senhores, que eu abuse d'este logar. Seria um crime imperdoavel insultar os vivos para fazer o elogio de um morto; faltar ao respeito e attenção, que é devida a todos para fallar d'aquelle, que de todos só quer hoje as orações e as saudades.

Foram bem tempestuosos e difficeis os annos, que se seguiram até 1834!

O receio de que se renovassem os erros e os factos de 1823; as ideias ferrenhas, as recordações amargas, e o genio demasiadamente vivo da Rainha a Senhora D. Carlota Joaquina; a exaggeração de alguns conselheiros—leaes e probos sim, porém menos aptos para a occasião—tudo isto fez, com que se executassem algumas leis antigas do reino, demasiadamente rigorosas. Se as circumstancias podem desculpar essa execução, a prudencia e o estado das coisas aconselhavam mais brandura. E estas seriam as intenções do Principe, convencido de que:—se a justiça é o fundamento dos thronos, a clemencia é a joia mais preciosa da corôa real.

Muitos homens d'esse tempo já baixaram á sepultura: ahi ficaram sepultados, sellados pela mão da morte, muitos segredos importantes. Se fosse possivel evocar esses homens da campa, elles nos dariam a razão de muitos factos; revelariam muita innocencia; reflectiriam a verdadeira luz sobre o character do Senhor D. Miguel de Bragança.



Gravissimas foram as difficuldades d'aquella epocha!! E todavia nem soffreu quebra a nossa dignidade nacional; nem foram despresadas as sciencias, as artes, a industria; nem campeou impune e insolente a injustiça e a immoralidade.

Abandonados pelos nossos alliados inglezes, nós vimos forçada a barra de Lisboa por uma nação grande, que abuzou do seu poder e da nossa pequenez. Fomos vencidos, por não termos querido ceder a exigencias humilhantes. Mas podiamos dizer, como Francisco I depois da batalha de Pavia: *tudo se perdeu, menos a honra.*

A reformação dos estudos, se poz em relevo a illustração profunda, as vistas largas e elevadas do Bispo de Vizeu, honra igualmente quem soube escolhel-o para cargo tão importante.

As nossas fabricas de papel, as de seda de Lisboa, as de pannos de Portalegre, as de saragoça da Covilhã, foram animadas e favorecidas não por leis especiaes em seu favor, mas—o que val muito mais—pelos dictos e pelo exemplo do Principe, que só usava, só inculcava, só estimava o que era portuguez, em tudo portuguez.

E permitti-me uma reflexão. Este sentimento de nacionalidade tão vivo e tão profundo honra o Principe por tal modo, que, só por si, o absolveria de grandes erros, se elle os tivesse commettido; desculparia graves fraquezas, se tivesse caído n'ellas. E não caíu n'estas, não commetteu aquellest odas as vezes que soube a verdade das coisas, como o provam muitos factos d'esse tempo.—Mas que Principe ha ahi, que saiba toda a verdade??!

Para cumulo dos males da patria rebentou a guerra civil!! Por dois annos nós vimos os filhos da mesma patria,—todos leaes e valentes, porque valentia e lealdade houve-a de ambos os lados—vimos os filhos da mesma patria, que falavam a mesma lingua, que respiravam o mesmo ar, que se aquentavam ao mesmo sol... corramos um véu sobre este



quadro: podesse esta pagina negra ser rasgada do livro da nossa historia!!

O tractado da quadrupla alliança, assignado em Londres em 1834, põe termo a esta guerra fratricida, e obriga o Senhor D. Miguel de Bragança a sair do territorio portuguez.

Principe caiu como heroe n'esta lucta desigual de tres contra um: *natus in regno*: Proscripto, levantou-se como martyr pelos soffrimentos e virtudes no exilio: *inopia consumatur*.

E' esta a parte mais bella, o quadro mais instructivo da vida do Principe. Quem me dera poder pintal-o com vivas côres! Respirae por um pouco, senhores; e continuae-me a vossa attenção. Eu serei mais breve.

N'este seculo tem sido taes as vicissitudes dos Reis e dos Principes, que ninguem admira vêr hoje no exilio aquelle, que hontem figurava na gloria do throno, ou no esplendor da grandeza.

Napoleão I... Carlos X... Luiz Filippe... Carlos Alberto... Francisco II... D. Carlos de Hespanha... a Duqueza de Berry... os Principes de Italia...

Que nomes!! Que infortunios!!

Grande lição, dada pela Providencia aos Principes e aos Reis! Grande lição, senhores; que, ameaçando-os com exemplos tão illustres, os ensina a serem justos no governo dos povos, a procurarem a verdadeira e solida grandeza no merito pessoal, na virtude. Só esta póde conserval-os na altura, a que subiram, ou consolal-os na baixeza, a que des-



ceram. Só ella os póde fazer verdadeiramente grandes aos olhos de Deos, e respeitaveis aos olhos dos homens.

Tal foi o Senhor D. Miguel de Bragança. Grande como Principe por suas acções, foi ainda maior no exilio por suas virtudes.

As virtudes civis, que são o ornamento, a doçura, a harmonia da sociedade; as virtudes christãs, que honram a Religião; as virtudes domesticas, que fazem a felicidade da familia, não faltaram em tempo algum ao senhor D. Miguel de Bragança: mas, como o ouro no cadinho, se acendraram no tempo do exilio.

A honra, o brio, a firmeza de character não são qualidades muito vulgares n'este nosso tempo tão versatil, e em que só se attende ás conveniencias e ao interesse. E essas qualidades formavam o character pronunciado do Principe proscripto.

A honra e o pundonor herdou-as dos seus maiores; e julgou-as sempre a primeira condição do homem de bem.

Foi por isso, que—ao sair da terra, que não havia de tornar a vêr—recommendou, que fossem entregues religiosamente todas as joias e os diamantes da corôa, que estavam no forte da Graça; e que, se faltasse alguma, fosse substituida pelas suas proprias. Mandou entregal-as e... saiu pobre, como quem não estava preparado para esta eventualidade desgraçada. Saiu pobre...! e tão pobre, que foi obrigado a soffrer privações de todos os generos.

A bondade de Gregorio XVI, a generosidade de poucos Principes e os sacrificios dos seus amigos proveram ás necessidades da sua subsistencia.

A Europa viu um descendente de D. Manuel e de D. João III, um neto de D. João V e de D. José I vivendo de esmollas!! De esmollas, sim senhores; que este é o seu verdadeiro nome.

E o Principe não se queixava! Nunca lhe ouviram uma



palavra de enfado contra a tristeza e penuria da sua situação. A' crueza dos seus infortunios só póde comparar-se a tranquillidade e nobreza com que os soffreu.

E sabeis porque isto assim succedia? E' porque a sua vida se resumia só n'um sentimento:—o amor da patria, o amor dos leaes e valentes, que o acompanharam até o ultimo momento. A imagem de uma e o retrato dos outros se offerecia incessantemente á sua imaginação. Nos momentos de solidão e de retiro lhes enviava o Principe sentidas saudades, grato reconhecimento.

Sem patria, sem bens, sem poder, sem authoridade, quasi sem nome, perigrinou o Principe por alguns reinos da Europa: e só sentia algum alivio ás suas maguas, quando lá n'essas terras extranhas deparava com algum filho do seu Portugal.

Não serei eu que diga a lhaneza, a affabilidade, a cortezia, com que elle tractou sempre os Portuguezes, fosse qual fosse a sua crença politica. São testemunhas insuspeitas a Duqueza de Palmella em Roma, o Conde de Thomar e muitos outros em Londres, por occasião da exposição universal. Encaneceu no exilio, e baixou á sepultura sem o menor resentimento, nem mesmo contra os seus inimigos.

No meio d'este soffrimento de muitos annos quiz a Providencia minorar o seu martyrio. O consorcio com a Princeza a Senhora D. Adelaide Sofia foi o principio de felicidade domestica para aquelle, que já não tinha outra ventura na vida.

A Princeza generosa, que se fez portugueza pelo coração e pelo sentimento, foi o anjo de consolação, que—com seus affectos e carinhos—adoçou o amargoso calix do seu horto no desterro.

E estes affectos lh'os recompensava o Principe com o amor mais extremoso, com as attensões mais delicadas. Assim como tinha sido filho obediente, foi tambem esposo fiel, pae desvelado e carinhoso.



Não são as acções extraordinarias e brilhantes que revelam a verdadeira grandeza do homem. E' necessario vel-o no curso ordinario das coisas da vida, no centro da sociedade domestica para poder avalial-o. A vida privada, escolho de grandes reputações, mostrou no Senhor D. Miguel de Bragança virtudes muito mais apreciaveis. Bom amigo, bom esposo, foi sobre tudo bom pae.

Não sem razão disse um sabio, que *os homens tudo o que são à educação o devem*. Mas a educação depende principalmente dos cuidados e exemplos domesticos.

Convencido d'esta verdade, o Senhor D. Miguel de Bragança empenhou todo o seu desvelo na educação dos seus augustos Filhos. Mas educação em tudo verdadeiramente portugueza.

Os sentimentos puros de religião e de piedade, a observancia das leis e preceitos religiosos aprendiam-se facilmente na vida exemplar da augusta Princeza. A honra, a probidade, o desinteresse, a grandeza d'alma, o amor da patria, dos amigos, da humanidade inspirava-os o illustre Pae nos seus entretenimentos infantis, nas suas conversas familiares. *Visitas a todos os portuguezes, porque a todos amo— a todos sem distincção de uns a outros*; já sabia dizer o Principe moço ao despedir-se de um portuguez, que voltava para o reino.

Religião e patria ou—como dizia o mote do brazão que uzava no seu annel o Senhor D. Miguel de Bragança—*Deos e o povo*, eis es dois polos em que se librava toda a educação, que lá ao longe da terra natal dava aos seus filhos este Principe verdadeiramente Portuguez.

O dia 14 de novembro ultimo veiu findar a sua peregrinação sobre a terra. Se a sua vida no exilio foi a de um martyr, a sua morte foi certamente a de um justo.

Longe da patria, o mal o surpreendeu tambem longe dos filhos, longe da esposa, longe do amigo fiel e dedicado.



Este desamparo na hora do passamento foi por certo o espinho mais agudo e pungente d'essa corôa, que o martirysou pelo espaço de 32 annos.

Não poudé dar o ultimo adeus á mulher do seu coração! não poudé abençoar os tenros filhos—pedaços d'alma—que deixava abandonados sobre a terra! não poudé apertar a mão do amigo sincero! Mas não esqueceu as preces e as orações da Igreja. Repetiu-as, emquanto poudé: e, ao despedir-se da vida, morreu abraçado com um cruxifixo do Redemptor, que lhe tinha sido mandado do seu Portugal. Os seus derradeiros pensamentos foram os filhos e a esposa: o ultimo!... o ultimo foi a patria!!

Ajoelhemos todos, christãos: e oremos por elle.

FIM

